

UMA BOA LIÇÃO

***Roberto Rodrigues**

A tremenda batalha do final do ano de 2012 nos Estados Unidos em torno do famoso “abismo fiscal” teve uma consequência interessante – e inesperada – para a agricultura brasileira.

A firme disposição do Presidente Barack Obama em reduzir o déficit fiscal americano passava pelo aumento dos impostos para os mais ricos e a redução das despesas do governo. Uma destas despesas era o grande volume de recursos destinados aos subsídios agrícolas, previstos em uma lei – a Farm Bill – que é aprovada pelo Congresso e sancionada pelo Presidente da República a cada 5 anos. O ano fiscal americano terminou em 30 de setembro passado e a Farm Bill para o período 2007/2012 também. O Senado tentou formular uma nova lei agrícola que entrasse em vigor nesta data, mas não houve consenso na Câmara Federal. E pior, dado o esforço do Presidente e de seu partido, o Democrata, em reduzir os gastos públicos, o “abismo fiscal” foi resolvido sem lei agrícola nenhuma.

É verdade que está um pouco difícil lutar por subsídios com os preços agrícolas tão acima da média histórica. Como defender mais proteção com preços tão altos? E para o Brasil este vazio legislativo seria bom, porque a consequência seria o fim dos subsídios ao algodão americano, uma pendência que segue sem definição desde que o Brasil venceu o painel contra aqueles subsídios na OMC, há quase 10 anos.

Mas aí entrou em ação o poderoso lobby rural americano, pressionando o Congresso para uma solução conciliadora que prorrogasse os apoios da lei agrícola de 2007/2012 por pelo menos mais um ano.

E também se viu a ação do Ministro da Agricultura, que lá tem status de Secretário, Tom Vilsack, que é natural de Iowa, importante Estado produtor de milho nos Estados Unidos. Usando o argumento de que sem subsídios o preço do leite e dos produtos lácteos iria dobrar imediatamente, prejudicando os mais pobres, Vilsack se somou à força dos produtores rurais, e conseguiu, aos 45 minutos do segundo tempo, já no dia primeiro de janeiro, que o acordo em torno do “abismo fiscal” contivesse a prorrogação, até 30 de setembro de 2013, dos termos da lei vigente até setembro passado, mantendo então a extraordinária soma de US\$ 5 bilhões de subsídios ao campo – e com isso os democratas terão tempo de discutir com os republicanos um acordo em torno de uma nova lei que vigorará a partir de 2013 e negociá-la com o Executivo.

Uma jogada notável, embora se informe que faltarão recursos para estimular ainda mais os biocombustíveis e também para outros programas importantes, como a conservação do solo e o desenvolvimento rural.

Mas os subsídios aos cotonicultores continuarão, e mais uma vez nossos produtores desta fibra serão prejudicados. Portanto, não nos resta outra saída: se até setembro não mudar o cenário, teremos que retaliar.

Resta saber retaliar o que, para não criar problemas para outros setores produtivos do nosso país.

Mas a grande lição que tivemos deste processo todo é:

- a fantástica força do lobby rural norte americano - só 2% da população americana vivem no campo, ante 18% daqui. Mas não temos nem a metade da força política deles, porque a população urbana de lá já percebeu que destes 2% depende grande parcela da economia toda, que fornece insumos e serviços para a agropecuária e dela se serve processando seus produtos.

E, mais ainda, que força tem o Ministro da Agricultura de lá. Com apoio do setor produtivo, convenceu o Congresso a virar o jogo no último momento, contra até mesmo a disposição do Presidente da República. E usando o argumento dos lácteos... mesmo sabendo que é a população toda que banca os subsídios com seus impostos.

Mas que poder tem o Ministro da Agricultura! Aqui, nosso Ministro luta, luta, luta, tem o apoio dos produtores e de uma eficiente Frente Parlamentar de Agropecuária, mas não tem o mesmo poder no contexto do Governo Federal.

Uma pena, porque não conseguimos resolver as grandes questões...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**